

## GOLFE CEGO

Luiz Boteri de Sant'Ana (1), Luiz Marcelo Ribeiro da Luz (2), 1Aluno do curso de Educação Física da FAM, Americana, São Paulo, Brasil, luizboteri@ig.com.br. (2) Professor do curso de Educação Física da FAM, Americana, São Paulo, Brasil, luizdaluz@fam.br.

**Introdução E Objetivos:** O jogo de golfe está entre os esportes em maior expansão atualmente no Brasil. Pelas suas características, bola parada e alvo determinado, a adaptação da sua prática para deficientes visuais exige exceção em apenas quatro das trinta e quatro regras oficiais de golfe aprovadas pelas instituições que regem o esporte no mundo, onde entra a figura do técnico vidente na composição da equipe. Nos países golfistas o golfe para cegos é praticado a partir do final da Segunda Guerra, embora o golfe que hoje conhecemos tenha sido regulamentado na Escócia na metade do século XVIII. No Brasil o Golfe para Cegos é um exemplo entre tantas outras modalidades que são desconhecidas ou não praticadas pelos deficientes. Apresentamos este trabalho com dois objetivos: 1º - Divulgar a modalidade adaptada tanto no meio golfista através do Clube de Golfe de Campinas e federações estaduais e brasileira, e 2º - Construir uma metodologia para o aprendizado do golfe cego aplicando conhecimentos adquiridos nos últimos quinze anos em contato com o esporte. **Metodologia:** Utilizamos a pesquisa-ação que é um tipo de pesquisa que se guia pela experiência e é realizada de modo cooperativo e participativo entre pesquisador e pesquisado na análise da construção do processo de desenvolvimento e aprendizado. Montamos um programa contemplando dez vivências de quatro horas em média a serem aplicadas a um deficiente visual B1, sexo masculino, idade quarenta anos com perda da visão há sete anos em acidente automobilístico. **Resultados:** Através da aplicação dos dez encontros no Clube de Golfe de Campinas, que representou a proposta pedagógica, fomos construindo a base necessária para dar ao deficiente as ferramentas que seriam utilizadas nas duas últimas vivências: Completar os dezoito buracos e possivelmente ser o primeiro golfista cego brasileiro. Entre 18 de Setembro e 4 de Novembro de 2.005, trabalhando em média quatro horas a cada encontro, pudemos pela troca de informações, explorar principalmente o tato e a audição como respostas as tacadas executadas nas sessões de treinamento. O interesse do pesquisado em continuar praticando e trazer para o Golfe Cego outros deficientes do seu relacionamento, além de divulgar as possibilidades desta nova modalidade era um importante resultado esperado por nós. **Conclusões:** Cumprida a proposta pedagógica, concluímos que a mesma mostrou-se eficiente pela adaptação do deficiente ao jogo realizado rigorosamente dentro das regras do Golfe Cego nas duas últimas vivências. Obtivemos resultados surpreendentemente bons nas tacadas que envolvem movimentos de baixa amplitude, onde há maior facilidade no controle do movimento para atingir a bola e onde é exigida maior precisão quanto a distância e direção. Nas tacadas com movimento de grande amplitude houve queda no desempenho posto que exigem um tempo maior de treino para que o gesto esteja sistematizado e ocorra com naturalidade buscando maiores velocidades da cabeça do taco no ponto de impacto com a bola, o que será conquistado com programas de treinamento e aperfeiçoamento das técnicas da modalidade.